



Olhares que desnudam: viajantes,  
mulheres do Amazonas no século XIX  
*Trying to undress: Travelers, Amazon women  
in the nineteenth century*  
*Denudate looks: travelers, women from  
Amazonas at the nineteenth century*

ANTÔNIO EMILIO MORGA<sup>1</sup>

[aemorga@ibest.com.br](mailto:aemorga@ibest.com.br)

Universidade Federal do Amazonas

## Resumo

Este artigo decorrerá sobre as práticas de sociabilidade e afetividade das mulheres da cidade de Manaus no transcurso do século XIX. Neste período, vários viajantes estrangeiros de formação diversificada, geólogo, botânico, naturalista, aventureiros, engenheiros, médicos que visitaram o Amazonas por diferentes motivos. E numa série de imagens recorrentes registraram em seus relatos imagens referente ao viver cotidiano da população manauara e de modo particular dos modos e das modas da população feminina da cidade de Manaus. Em seus relatos, nas entrelinhas dos seus escritos, construíram a imagem da mulher sedutora. Imagens estas que, em vários relatos, retratam a mulher manauara num quadro onde são caracterizadas como “filhas livres da natureza”, “faceirice selvagens”, “sereias escuras”, “corpo elástico”, “seios em suaves movimentos”, “mulheres muito fáceis de

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História e do Programa de Pós – Graduação/ Universidade Federal do Amazonas.



*contentar*”, “*sentimento de pudor*”, “*jovem fusca das florestas*”, “*meninas quietas*”, e “*mistura de três raças*”. Retratadas pelas cores amarela, pardo, escura e até ao mais profundo preto africano, os viajantes nos revelam, nas entrelinhas documentais, o pouco contato que tiveram com as mulheres brancas e, quando o fizeram, estavam no seio familiar das mais distintas famílias da cidade. Os viajantes ao narrarem suas percepções sobre os modos de vida da população, o faziam com o olhar de quem pré-julga determinados comportamentos a partir de valores morais, éticos e estéticos que se diferenciavam da cultura amazonense. Falar de uma suposta mulher manauara sensual e sedutora é demonstrar que o olhar europeu em nenhum momento percebeu as práticas de sociabilidade, afetividade e de sensibilidade da população manauara.

**Palavras chaves:** Amazonas, viajantes, sedução, afetividade e práticas femininas.

## Abstract

This lecture will discourse about women’s practices of sociability and affection in the city of Manaus during the nineteenth century. In this period, several foreign travelers with different backgrounds such as geologists, botanists, naturalists, adventurers, engineers and doctors that visited the Amazon for different reasons. The reports of the foreigners register recurrent images related to the daily life of manauara people and especially the manners and the fashion of women of the city of Manaus. In their reports, in the leading of their writings, they built the image of seductive women. These images that, in various reports, picture the manauara women in a frame where they are characterized like “*free daughters of nature*”, “*wild faceirice*”, “*dark sirens*”, “*elastic body*”. “*breasts in soft moves*”, “*women very easy to satisfy*”, “*feeling of pudency*”, “*young fusca of forest*”, “*quiet girls*”, and “*mix of three races*”. Pictured by the colors yellow, brown, dark and even the most african black, the travelers reveal us, in the documental leadings, the little contact they had with white women and, when they had, they where among the most distinctive families of the city. The travelers, telling their perceptions about the population’s way of life, did so pre-judging the behaviors from moral, esthetics and ethical values, different of those from the amazonian culture. Speaking of a manauara women, sensual and seductive, is demonstrate that the european perception never realized the practices of sociability, affection and sensibility of manauara population.

**Key words:** Amazonas, travelers, seduction, affection and women’s practices.



## Introdução

No decorrer do século XIX a vila e, posteriormente, a cidade de Manaus recebeu a visita de vários viajantes estrangeiros. Entre eles, engenheiros, militares, naturalistas, médicos, mercenários e aventureiros e que nela estiveram por diferentes motivos. E registraram, em uma série de relatos, suas impressões sobre Manaus e sobre as práticas sociais dos seus habitantes.

Não podemos perder de vista que estas narrativas foram escritas para leitores que não eram os habitantes da localidade descrita, nem que as imagens que construíram das mulheres decorreram de valores éticos provenientes de outra vivência cultural. Este fato é relevante na medida em que também possibilita pensarmos que os viajantes eram narradores para um público de leitores cujas condutas são regidas por princípios morais e estéticos que a princípio diferenciavam-se das práticas de sociabilidade da população de Manaus.

Também identificamos algumas características nas falas dos viajantes estrangeiros que tivemos a oportunidade de analisar. Temas que decorreram de suas observações das práticas afetivas no cotidiano das mulheres de Manaus. Entre estes temas destacamos alguns pontos que contribuíram para que os viajantes elaborassem um conjunto de imagens da mulher manauara.

No conjunto de imagens perscrutadas sobre as mulheres de Manaus há uma reincidência de imagens encontradas nos relatos dos viajantes. Imagens estas que, em vários relatos retratam a mulher manauara num quadro onde são caracterizadas como “filhas livres da natureza”, “elegantes”, “bem vestidas”, “faceirice selvagens”, “namoradeiras”, “andam nuas, até muito crescidas”, “sereias escuras”, “educadas”, “corpo elástico”, “mães dedicadas”, “vagavam para cima e para baixo, desembaraçadamente”, “uma grande negligência”, “mulheres muito fáceis de contentar”, “sentimento de pudor”, “jovem fusca das florestas”, “meninas quietas”, e “mistura de três raças”. Retratadas pelas cores branca, amarela, parda, escura e até ao mais profundo preto africano, os viajantes nos revelam,



nas entrelinhas documentais, o pouco contato que tiveram com as mulheres brancas e, quando o fizeram estavam no seio familiar das mais distintas da cidade.

Observamos que estes temas são características que permeiam as falas dos viajantes ao registrarem as práticas afetivas das mulheres de Manaus no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

## Ler, Sentir e Narrar

O calor cedia lentamente seu espaço para a chuva que finalmente começava a chegar. O Rio Negro e Solimões escorriam faceiramente pelas terras do Amazonas. Após o término da missa de domingo, na igreja Matriz, não se falava outra coisa. O grande baile espalhava-se pelas bucólicas esquinas manauaras. O sol tinha reinava solenemente sobre a floresta, depois de dias de chuva, e nesse ambiente a cidade de Manaus, na sua inquietude, fervilhava entre cochichos. Todos comentavam e esperavam ansiosos pela noite de 5 de novembro.

E na noite do grande baile nas ruas escuras ao redor do palácio iam surgindo grupos de pessoas apressadas andando a pé, com seus lampiões acesos a iluminar as ruas escuras da cidade de Manaus.

No trajeto até a casa do governador, onde aconteceria o baile, o casal francês Agassiz observa: Aqui e ali, pelo caminho, viam-se, num canto de rua, surgir do escuro uma toailete de baile saltando com cuidado por cima de poças de lama (Agassiz, 1975, 174) formadas pela chuva que caía em abundancia no começo da noite.

O salão iluminado por grandes lampiões, as cortinas aveludadas no tom azul escuro e branco que cintilavam na penúria da bucólica iluminação, formava um ambiente com ares romântico. Em todos os lugares que a vista alcançava viam-se olhares entrecruzando-se. Ouviam-se sussurros ditos em segredos e os gestos languidos de amabilidades preenchia o salão. Foi dentro dessa atmosfera que o casal de viajantes Luiz e Elizabeth Cary Agassiz teceram comentários sobre a *toilettes* feminina.



Entretanto, quando todos já haviam chegado, observei que nenhum dos vestidos sofrera seriamente com a caminhada. Era grande a variedade de toaletes; sedas e cetins roçavam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades, [...] (174).

Cerimoniosa e cheia de etiquetas, a sociedade manauara do século XIX perfilava nos seus salões distinções e regras precisas sobre o comportamento feminino repletos de *modos e modas*.

As damas, ao chegarem, vão sentar-se em fila nas banquetas colocadas ao longo das paredes do salão de danças. De tempos em tempos, um cavalheiro avança corajosamente até essa formidável linha de encantos femininos e diz algumas palavras; [...] (174).

Entretanto, só depois de algum tempo, quando o sorriso farto resoava nos delicados e cheirosos ouvidos e o olhar a perder-se pelos fetiches do salão em música, com o calor do champanhe a ruborizar o rosto e o corpo a balançar suavemente *é que* a festa começa a torna-se realmente alegre (174). Neste auge da festa, senhoras e senhoritas sorriem enquanto verificavam os detalhes da *toilettes* e gesticulavam descontraidamente e os jovens e maduros cavalheiros desfilavam pelos quatro cantos do salão a demonstrar sua virilidade, romantismo, sedução e sociabilidade. A graciosidade e a amabilidade das mulheres com os cavalheiros chamaram atenção do casal de viajantes,

Nos melhores salões europeus tais eloquências femininas não eram de bom tom. Contudo as brasileiras se divertiam com os gracejos que corriam soltos. Tudo isso entre taças de champanhe servido quente (174).

E foi preocupado com que considerou excessivos sorrisos e sussurros femininos que o cronista criticou nas páginas do jornal um grupo de senhoras e senhoritas, que além do luxo demonstravam benevolências sinuosas conforme seu olhar perscrutou.

Grande foi a animação e luxo no Grande Baile. As mais distintas famílias manauaras presentes. As senhoras e senhoritas na ocasião



com toilettes e jóias resplendorosas. Não podemos deixar de perceber que algumas senhoras e senhoritas se excediam em amabilidades com cavalheiros, independente se suas esposas ou pretendente estivessem presente.

E finaliza sua nota questionando: não seria hora de moderar determinadas atitudes? (Dias, 1999, 167).

No mesmo jornal, na sessão Fatos, um morador da cidade, que assinava com o amigo da moralidade questionava a atitude de uma jovem senhora no baile.

Pergunta-se. O que fazia o marido de uma jovem esposa que alegre pelo champanhe trocava olhares, sussurros, sorrisos com um senhor, respeitado comerciante, sem se importar com a presença de sua esposa e filhas presente no baile. Acorda antes que os cornos cresçam demais.

O século XIX difundia, através dos seus agentes, a pedagogia das sensibilidades e da urbanidade. A urbe desde período emprestava uma série de imagens e representações sobre “estar e ser” na sociabilidade do cotidiano. As intervenções pedagógicas se processavam sobre o urbano, a cidade se modelava transformando a paisagem e os indivíduos.

Os novos equipamentos de urbanidade, cordialidade, sociabilidade e afetividade requeriam cuidados nos manuseios dos seus instrumentos. O recém-mundo público criado e recriado constantemente favorece os encontros e o cultivo de amizades. A sensibilidade empresta ao momento a profusão de todas as imagens que o olhar opera no seu deslocamento. Necessário, portanto, dizia os moralistas, era o condimento das atitudes e dos gestos.

Na proa de uma chalana, o francês Robert Avé-Lallemant se aproxima da cidade de Manaus. Um luar opaco tornava as formas da floresta ainda mais misteriosas; tão intrigante e instigante quanto à indiferença da população cabocla que encontrou nas beiradas dos barrancos que margeavam o rio Negro e Solimões.



Nunca esqueci os estranhos grupos de pé, na beira da margem, as crianças inteiramente nuas e os adultos meio vestidos, todos com a mesma expressão de indiferença, todos com a mesma cara, homens, mulheres, crianças! (Avé-Lallemant, 1980, 101).

E na medida em que a chalana deslizava suavemente pelas águas do rio Negro, numa manhã ensolarada, enquanto bebericava uma xícara de café o médico Avé-Lallemant rompe sua introspecção diante da singeleza da cena que seu olhar atento perscrutou na beirada do barranco. De uma vez, vimos mesmo diante de sua habitação toda uma família tapuia completamente nua; só a mulher trazia uma sainha azul muito curta; [...]. Deixando transparecer toda sua sensualidade selvagem.

Foi nos festejos juninos, da cidade de Manaus, que o médico viajante entrou em contato com os cheiros e odores do povo no adro da igreja matriz. E ao se misturar sentiu náuseas diante daqueles cheiros e odores exalados pelo povo nas festividades de São Pedro e São Paulo, e compara a festividade ao carnaval parisiense. A propósito devo consignar que o odor do povo de Paris, por ocasião dessas aglomerações, é extraordinariamente penetrante, [...] (109). Convidado o viajante perscrutador aceitou de bom grado o convite para se juntar a um grupo que preparava o almoço, fruto da caça de formigas muito apreciadas pelo paladar da população branca e indígena.

Apesar de se sentir nauseado diante do almoço que aquele grupo de pessoas lhe oferecia, não deixou de apreciar em detalhes, os trejeitos de inocência da espevitada menina moça que participava do almoço. Que segundo ele: uma linda rapariga de 20 anos de fartos cabelos negros seios que se deixavam ver pela força da juventude e com a boca mais fresca e os dentes mais bonitos que se pode imaginar (110). Poder-se-ia dizer que foi ao apreciar a beleza ainda selvagem, inocente e dentes mais bonitos que se pode imaginar que o coevo viajante francês encontrou guarida para seu sofrimento estomacal. Se as náuseas o incomodavam e causavam desconforto não foi, contudo, empecilho para que seu olhar repleto de inquietações observasse a anatomia feminina através do vestuário.



Consistia na maioria das vezes numa camisa e saia. [...]. Sempre limpas, freqüentemente com bordados que deixavam ver alguns dedos de corpo nu, em volta do cós da saía, [...] e os seios ficavam cobertos. Isso, na orla da floresta virgem, é encantador e dá uma impressão de ingenuidade (116).

Logo após a missa de domingo pela manhã, enquanto conversava em frente do adro da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, o viajante não deixou de perceber a sensualidade da *toilettes* feminina.

Os vestidos claros, domingueiros, de tecidos leves quase transparentes, assentavam sobre as formas admiráveis das raparigas, [...]. A cada passo o tecido fino da camisa abotoada no pescoço tremia sobre os seios firmes e elásticos, cuja exuberância não precisava ser sustida por nenhum colete. [...]. E gostei infinitamente da tranqüila atitude de recolhimento daquelas bonitas figuras trigueiras (119).

Em suas andanças pelo Rio Negro, e em contato com a população ribeirinha, branca, mestiça e indígena, o viajante conviveu nestes espaços de sociabilidade e afetividade, participando de quermesses, missas, festejos religiosos, almoços, pescarias e visitas de cordialidade que lhe proporcionou momentos de leveza, alegria, tristeza e melancolia. Talvez, tristeza e melancolia ao ver na Vila de Égua, hoje cidade de Tefé, a jovem Berenice com seu olhar negro e com suas partes pudicas coberta por “minúscula tanga confeccionada de plumas e pedras brilhosas deixando seus lindos e firmes seios livres de qualquer empecilho que impedisse o olhar de contemplar a formosura da juventude” (121).

Entretanto, como nada do que é bom dura para sempre, Chegava ao fim a minha estadia em Manaus. Robert Avé-Lallemant, nostálgico, entrega-se às doces lembranças do Amazonas e da cidade de Manaus. Principalmente das delicadas e graciosas damas e senhoras irrefletidas que em muitas ocasiões o jovem médico tratou de cuidar das mais intensas e saborosas dores, sejam elas espirituais ou físicas, que com tanta prestabilidade se propôs a curar como médico.

Podemos perceber nas entrelinhas do seu relato que a toailete feminina, poder-se-ia dizer, tinha a sua preferência diante do encantamento



e da sensibilidade que despertava no viajante. As toilettes das senhoras eram em grande parte bonitas, muitas de gosto mesmo, nenhuma ridícula. Agradaram-me, porém, sobretudo, as maneiras discretas de todos (152).

Enquanto isso, em Manaus, Paul Marcoy relata que seus dias *foram conscientiosamente* divididos entre trabalhos, siestas e passeios, entre longos e demorados banhos nos igarapés espalhados pela cidade. A elegância dos homens e das mulheres impressionou muito o viajante, que asseverou.

A adoção da moda francesa pelas pessoas abastadas, [...], permitem facilmente perceber que deixamos para trás a barbárie, [...], onde se unem todas as correntes geográficas, intelectuais, políticas e comerciantes do país (Marcoy, 2001, 169).

Segundo nosso poético viajante, na cidade Barra do Rio Negro os maridos cultivavam o feijão e cozinhavam-no com tocinho. A rosa é cultivada pela mulher, que inala o seu perfume e se enfeita com ela. Finaliza suas observações e seus estudos sobre os usos e costumes da cidade e da população afirmando o prazer que sentia em estar nesse convívio aconchegante que usufruía nos seus banhos tendo por companhia as risadinhas e brincadeiras inocentes das belas e doces selvagens com seus longos cabelos negros.

Alfred Russel Wallace, 1862, ao viajar pelo Amazonas, atesta a veracidade que muitos viajantes estrangeiros falaram sobre a elegância, o bom gosto, o requinte e a moda francesa que corria solta pelos salões sociais manauara.

Como era de se esperar nessas circunstâncias, a moda é uma de suas maiores preocupações. Aos domingos, na missa, trajam-se todos em grande estilo. As mulheres comparecem elegantíssimas, num multicolorido desfile de musselinas e gazes francesas. Suas belas cabeleiras, cuidadosamente arrumadas e adornadas de flores, jamais se escondem sob toucas ou chapéus (Wallace, 1979, 110).

Se as mulheres perfilavam suas toaletes elegantíssimas nas festividades sociais e religiosas, por seu lado, os homens se transformavam nestas ocasiões em verdadeiros cavalheiros.



A seu lado, os cavalheiros, que durante a semana ficaram nos seus imundos armazéns em mangas de camisa e chinelos, agora trajam finíssimos ternos pretos, chapéus de feltro, gravatas de cetim e botinas de verniz de cano bem curto (110).

Diante de tanta urbanidade, afetividade e sociabilidade Wallace sutilmente consegue perceber as amenidades que regem a população masculina e feminina de Manaus. Tendo participado da missa festiva, convidado pelo padre com quem desenvolveu uma profícua amizade constatou:

Depois da missa, é hora das visitas de cerimônia, quando todo o mundo vai à casa de todo o mundo, e lá ficam comentando os escândalos que, se acumularam durante a semana. Barra deve ser a comunidade civilizada que tem os costumes mais decadentes possíveis (110).

A missa tornava-se, na Manaus do século XIX, ponto de encontro da sociabilidade, urbanidade e afetividade. Era ao final deste encontro que a cidade fervilhava nas suas contradições. Lugar da manifestação da fé, a missa, também se tornava encontro social e familiar. Nestas ocasiões a população de Manaus não perdia a oportunidade de usar a toailete mais chique. Afinal de contas, era uma oportunidade de colocar a conversa em dia. Diante do luxo da população em dias de missa, o jornal do Comércio chama atenção em nota para o excessivo barulho que ocorria no adro da igreja.

Muitas coisas se têm visto em dias de Missa na igreja matriz. Namoricos correndo solto. Mulheres casadas a trocar olhares com cavalheiros. Toaletes extravagantes para solene ocasião. E a conversa a correr solta no adro da igreja durante a celebração da santa missa. Pedimos daqui que as pessoas reflitam diante do seu comportamento inadequado (Jornal do comércio, 08-06-1885).

Anteriormente, o mesmo jornal já advertia e chamava atenção dos pais que se fingem de cegos por não verem suas filhas em namoricos avançados com homens solteiros e casados.

Em dias de novenas a movimentação era intensa nas cercanias da igreja. Além dos encontros amorosos e do romântico convívio, o comércio



rolava solto, como constatou Barão de Santana Néri em sua visita a Manaus.

Fiquei um tanto chocado pela cena que presenciei nos arredores da Igreja na festa da padroeira. Alertado que fui por um amigo não pude de deixar de ver a esposa de um vendedor de guloseimas trocando caricias com um jovem que mais parecia ser seu filho enquanto seu esposo em plena festa trabalhava arduamente para tirar o sustento da família (Néri, 1979, 112).

E sobre o vestuário comenta que os amazonenses copiavam a moda francesa. Os homens se vestiam sobriamente, já as mulheres com mais leveza, porém coloridas e adornadas.

Quanto à roupa, o habitante do Amazonas se acredita obrigado a se submeter aos cortes das vestimentas européias. O pano escuro é de rigor, bem como o chapéu de seda, usos absurdos em clima semelhante. As senhoras se mostram mais práticas e se vestem geralmente de fazendas leves, se bem que conservando sempre um certo toque parisiense. As roupas de tecido leve de algodão, seda e musselina são usadas pelas pessoas da sociedade (111).

Mario Ypiranga Monteiro, ao estudar o Boi Bumbá na cidade de Manaus desde suas origens no século XVII ao século XX, comenta que nesta festividade ocorre uma profusão entre o mundo sagrado e o profano. De certa forma, o desejo e a luxúria dominavam aqueles que participavam da brincadeira. A nudez sensual e erótica das mulheres e seus adornos era um traço marcante para quem se diverte nessa manifestação artística e cultural amazonense. Mulheres seminuas a representar as deusas que fizeram da floresta espessa sua morada preenchem olhares diante dessa brincadeira cultural.

Segundo o autor, a sociedade manauara sempre foi uma sociedade que se espelhou na cultura européia, no que tange à moda, como o luxo e o requinte da cultura francesa. Esses elementos foram fundamentais na construção da nossa sociedade e da nossa cultura. As mulheres amazonenses foram sempre desenvoltas diante da sua sociabilidade e afetividade (Monteiro, 2004, 173).



O naturalista inglês Henry Walter Bates, em sua passagem por Manaus, diante das práticas de sociabilidade e afetividade da população, formulou juízo ético diante do que via e do que ouvia falar sobre determinadas práticas de afetividade da população manauara. Tal observação o chocou diante do que considerava uma *imoralidade e indecência* e justifica-se dizendo que conheceu outros recônditos pelo interior do Brasil e não constatou esse apego à imoralidade. [...], a promiscuidade sexual parecia constituir a regra geral em todas as classes, e os amores clandestinos a ocupação mais importante da maior parte da população (Bates, 1979, 24).

Diante de uma vida amorosa de clandestinidade, assevera que nada justifica essa imoralidade sem freios que corre por todas as classes sociais.

Não posso admitir que esse estado de coisas seja uma decorrência obrigatória do clima e das instituições vigentes, pois já morei em pequenas cidades do interior do Brasil onde os hábitos e o padrão de moralidade dos seus habitantes eram tão elevados quanto os encontrados em lugares similares na Inglaterra (24).

Neste sentido, podemos perceber que o olhar dos viajantes não era linear. Alguns se diferenciavam na maneira de perceber a mulher no espaço público. Uma destas distinções poderia ser de ordem moral. Condicionados por valores provenientes da cultura européia, os viajantes, ao vivenciarem os usos e os hábitos da população de Manaus, não estavam isentos de um pré-julgamento. É bom lembrar que, mesmo sendo filhos da cultura européia, os viajantes tinham formação, experiências e interesses diversificados, que transparecem nos seus relatos e na maneira de ver os mesmos objetos.

Com base neste conjunto de falas sobre as mulheres de Manaus, podemos acreditar na benevolência das mulheres desta região para com os viajantes? Ou estas atitudes femininas reincidentemente relatadas seria uma criação do imaginário destes viajantes? Quais instrumentos teríamos para testar a veracidade dos fatos narrados pelos viajantes ao afirmarem que as mulheres manauaras eram benevolentes com a corte



masculina? A mulher benevolente seria só fruto da imaginação dos viajantes?

São perguntas que não conseguimos responder desde o início desta pesquisa e que permanecem obscuras. Confesso que, completamente embriagado, travei intenso duelo desde o início em que comecei a manusear as narrativas dos viajantes estrangeiros que visitaram Manaus no decorrer do século XIX. Que papel coube à mulher do Amazonas nos jogos da sedução? Instigado por esta pergunta e seduzido pelas narrativas dos viajantes procuramos encadear um conjunto de imagens que possibilitaram a construção da mulher manauara.

Uma primeira questão é indagar a veracidade das cenas de sedução relatadas pelos viajantes. Outra questão, diante da frequência destes relatos, é questionar qual o papel das mulheres nestes jogos de sedução. Pensar numa mulher submissa, que ficava a mercê dos jogos amorosos dos viajantes, também seria equivocado por impossibilitar-nos de compreender a própria dinâmica das formas de sociabilidade destas mulheres.

Outra leitura possível para não incorrer no erro de não ver outras leituras subjacentes ao universo feminino é a que relaciona, por exemplo, o casamento como a única oportunidade de realização para a mulher na sociedade patriarcal brasileira. Esta única alternativa permitida ao sexo feminino não podia deixar de favorecer o desenvolvimento intensivo da arte da sedução (Souza, 1987, 92).

Parece-nos que as mulheres do Amazonas não eram indiferentes ao jogo da sedução. Pelas narrativas dos viajantes podemos observar –resguardando o que fazia parte do imaginário de quem narrava– que as mulheres destas regiões também em determinados momentos eram partícipes de situações envolventes. Nossa hipótese se justifica na medida em que todos os viajantes descrevem de forma sistemática uma mulher benevolente e amável. Em nenhuma ocasião encontramos referência ao contrário. Se de um lado, só temos falas masculinas construindo a mulher sedutora e benevolente, portanto, é a partir delas que contamos o que se passou no Amazonas, por outro, fica uma pequena dúvida diante dos papéis que elas encenaram. Em momento algum



estamos a dizer que as mulheres desta região eram sedutoras, apenas chamamos a atenção para o fato de que sem exceção todos os viajantes registraram uma mulher benevolente nesta região.

Não é objetivo desse artigo ir em busca de uma verdade dos acontecimentos, e sim tentar compreender as práticas afetivas femininas que possibilitaram a construção da mulher benevolente diante da corte masculina no Amazonas. O melhor conhecimento que se pode ter delas vem da descoberta de qual papel elas encenam (Vicent-Buffault, 1988, 73) no cotidiano, onde as imagens são extraídas da sua visibilidade no espaço público da selva.



## Referencias

- AVÉ-LALLEMANT, Robert (1859). *No Rio Amazonas*. Tradução Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.
- BATES, Henry Walter (1979). *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- BERGER, Paulo (1984). *Ilha de Santa Catarina; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis, Editora da UFSC/Assembléia legislativa.
- DIAS, Ednea Mascaranhas (1999). *A ilusão do Fausto (1890-1920)*. Manaus: Valer.
- JORNAL DO COMÉRCIO, 08-06-1885. Nossa Senhora do Desterro Arquivo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.
- LOUIS, Agassiz (1975). *Viagem ao Brasil: 1865-1866* [por] Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. Tradução de João Etienne Filho. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo.
- MARCOY, Paul (2001). *Viagens pelo Rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. 1º. Ed. Em português. Manaus: Edições governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga (2004). *Boi-Bumbá – História, análise fundamental e juízo crítico*. Manaus: Edição do autor, p. 173/4/8.
- MORGA, Antônio Emilio Morga (2009). *Nos subúrbios do desejo: masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- NÉRI, Frederico José de Santana (1979). *O país das Amazonas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- SOUZA, Gilda de Mello (1987). *O Espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne (1988). *História das Lágrimas: XVIII-XIX*. tradução Luiz Marques e Martha Gambini, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- WALLACE, Alfred Russel (1979). "Viagens pelos rios Amazonas e Negro/ Alfred Russel Wallace"; Tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri.- Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.